

José Rosa Sampaio

*



Armando Maçanita
e o Batalhão de Caçadores 96, na tomada de
Nambuangongo, em 1961
Um contributo para a História da Guerra Colonial

**

Portimão – 2008

Ficha Técnica:

Título: Armando Maçanita e o Batalhão de Caçadores 96, na tomada de Nambuangongo, em 1961. Um contributo para a História da Guerra Colonial

Autor. José Rosa Sampaio, 1949-

Edição do autor

2.^a Edição revista e aumentada

Portimão, Junho de 2008

Tiragem: 20 exemplares fora do mercado

@ José Rosa Sampaio

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução ----- | 4 |
| Armando Maçanita ----- | 5 |
| Operação Viriato ----- | 6 |
| Tomada de Nambuanguo ----- | 9 |
| O mito da ressurreição dos mortos ----- | 11 |
| A morte do comandante da Região Militar ----- | 11 |
| Bibliografia ----- | 12 |

INTRODUÇÃO

Tendo sido combatente no Norte de Angola, entre 1971-1973, integrado na Companhia de Caçadores 3413, é obvio que desde o meu regresso me tenha interessado pelo tema da Guerra Colonial, tendo escrito e publicado alguns trabalhos¹.

Para além das centenas de livros que têm saído sobre o tema, com destaque para os livros de memórias, a ficção, os estudos, as teses, os livros de poesia, os artigos, e os blogs e sites, há os imensos convívios dos antigos componentes das unidades militares, que anualmente têm lugar por todo o país.

A guerra em Angola teve início com a revolta de Cassange (Janeiro de 1961) e o assalto às prisões de Luanda, pelo MPLA (Fev.1961). O terror começou a 15 de Março de 1961, sendo assassinados pelas hordas da UPA, de Holden Roberto, algumas centenas de colonos brancos e os seus criados negros, sobretudo nas zonas dos Dembos, Negage, Úcuá, Nambuanguo, Zala, Quitexe, Nova Caipenda, Ambriz, Maquela do Zombo, Madimba, Luvaca, Buela, Vale do Loge, e outras.

Muitos dos sobreviventes estavam escondidos na mata e foram salvos pela Esquadilha de Voluntários do Ar (EVA), composta por aviões civis, que aterravam em picadas e locais difíceis.

Antes da Operação Viriato, que teve início a 10 de Julho de 1961, com a tomada de Nambuanguo a 9 de Agosto, caíram em combate algumas dezenas de militares da reduzida guarnição e também alguns voluntários civis.

As guerras de África, como todos os conflitos armados, também tiveram os seus heróis e os seus mártires, nomeadamente os vinte mortos que o concelho de Portimão ofereceu à Pátria, entre 1964 e 1974.

Esta brochura destina-se a resgatar do esquecimento alguns desses heróis, nomeadamente o coronel Armando Maçanita.

¹ Vide bibliografia.

ARMANDO MAÇANITA

Natural de Portimão, onde nasceu a 16 de Junho de 1917, Armando da Silva Maçanita distinguiu-se nos primórdios da Guerra Colonial, na altura em que era tenente-coronel de Infantaria.

No início do conflito armado em Angola, em 1961, comandou uma força integrada na “Operação Viriato”, ofensiva que se desenrolou entre 10 de Julho e 9 de Agosto desse ano, tendo reconquistado, à frente do célebre Batalhão de Caçadores 96, a vila de Nambuanguo, situada a 200 quilómetros a Norte de Luanda e um importante reduto militar e estratégico. Esta operação seria também a primeira grande acção militar da Guerra de África, e possivelmente a maior que as tropas portuguesas empreenderam em África.

Na altura seria também ocupada a região montanhosa da Pedra Verde, uma autêntica fortaleza do inimigo, acção onde Maçanita se fez notar, ao ameaçar atirar sobre as tropas pára-quedistas, que se preparavam para colher os louros da vitória que pertencia à Infantaria. Este facto, que muitos quiseram limpar da História do início da Guerra Colonial trouxe-lhe os dissabores das vinganças mesquinhas dos burocratas das chefias, e fez com que a sua carreira fosse interrompida.

O tenente-coronel Maçanita teve a coragem dos heróis e também a audácia dos que enfrentam os oportunistas.

Um testemunho desse tempo dá-lo como «muito engraçado, um pouco *self made man*, no sentido da disciplina, e um aventureiro», sendo adorado pelos soldados e menos pelos seus oficiais².

As maneiras pouco ortodoxas que lhe eram imputadas, nem sempre bem vistas pela hierarquia, eram «à Maçanita», isto é, fruto do seu carácter bem singular e algarvio.

Ao sondarmos melhor a carreira militar de Armando Maçanita, sabemos que em meados de 1970 já tinha realizado algumas comissões de serviço no Ultramar. Tendo chegado a Angola nos primeiros meses de 1961, no comando do Batalhão de Caçadores 325, aqui se manteve, quase sempre em acção, até meados 1962. Também faria uma comissão em Moçambique, em 1965-1967,

² Antunes, 1995, I, p.249.

onde foi também comandante do sector de Vila Cabral, numa altura em que era visto como uma celebridade³.

Comandou também algumas unidades militares, nomeadamente o Regimento de Infantaria n.º 10, de Aveiro, e o Campo Militar de Santa Margarida (1969-1972), sendo nesta altura já coronel⁴.

Após a sua aposentação, no posto de coronel, foi na sua terra natal e durante treze anos presidente do núcleo local da Liga dos Combatentes, tendo sido várias vezes alvo de homenagens, nomeadamente a que lhe foi dedicada em Maio de 2005, durante o encontro de associações de ex-combatentes, realizado em Portimão. Foi nessa ocasião que o conheci e o pude admirar mais estreitamente.

A sua cidade natal atribuiu-lhe a Medalha de Mérito do Município, grau ouro, em cerimónia realizada nos Passos do Concelho, a 16 de Setembro de 2005,⁵ altura em que foi descerrada uma placa toponímica com o seu nome, numa avenida junto às Cardosas.

Armando Maçanita, que faleceu em Portimão, com 88 anos, a 17 de Novembro de 2005,⁶ ganhou merecidamente um lugar de destaque na galeria dos heróis nacionais.

A OPERAÇÃO “VIRIATO”

Tendo ocupado, chacinado e posto em fuga a população de Nambuanguo, logo em Março de 1961, a UPA lançava a partir do morro da Pedra Verde, rodeado de uma mata impenetrável, ataques a povoações próximas e mantinha sob ameaça cidades mais distantes como Carmona, Ambriz e mesmo Luanda.

Paralelamente, este movimento de libertação de Angola inventara um pretenso “Reino de Nambuanguo”, cuja fronteira sul começava na ponte entretanto destruída sobre o Rio Lifune, que teve logo repercussões políticas internacionais, facto que irritou o governo português e o comando militar, que faria seguir para Angola, e «rapidamente», uma força significativa.

³ Idem, II, p.398.

⁴ *Comércio de Portimão*, n.º 2281, de 12.08.1971, p.1.

⁵ *Correio da Manhã*, Lisboa, de 13.09.2005, p.7, «Homenagem a coronel».

⁶ *Jornal de Portimão*, n.º 17, de 25.11.2005, p.15, «A morte de um herói».

Desembarcados em Luanda os reforços militares, deu-se início à “Operação Viriato”, numa ofensiva que durou cerca de um mês de intensos combates e as maiores dificuldades, nomeadamente com a ponte sobre o Rio Dange, situada a 100 km do objectivo, as valas cavadas pelo inimigo e as árvores tombadas sobre a picada.

O plano da operação seria composto por 3 forças autónomas, quase divisões, que avançaram sobre Nambuangongo por 3 itinerários convergentes: a primeira, composta pelo Batalhão de Caçadores 114, reforçado com a Companhia de Sapadores 123, um pelotão de morteiros e um pelotão de canhões sem recuo, avançou a partir de Caxito/Mabubas, Anapasso, Quicabo, Balacende, Quissacala, Beira Baixa, Bela Vista, Onzo, e Nambuangongo; a segunda era constituída pelo Batalhão de Caçadores 96,⁷ levando adidos um pelotão de sapadores, um pelotão de morteiros e um pelotão de canhões sem recuo, progrediu a partir de Úcuá e contornou a Pedra Verde, com avanço por Pedra Boa, Quibaxe, Quitexe, Mucondo, Muchaluando, Onzo, e Nanbuangongo; a terceira vaga, avançaria por um itinerário mais longo, sendo composta pelo Esquadrão de Cavalaria 149, reforçado, comandado pelo Capitão Rui Abrantes, passando por Ambriz (PC do Batalhão de Caçadores 158), Bela Vista, Zala, Onzo, e Nambuangongo. A Cavalaria tinha entrado na operação para aproveitar a eterna rivalidade entre as duas armas. Quem chegasse primeiro a Nambuangongo tinha direito a desfilar triunfalmente em Luanda.

Em todos estes itinerários, as dificuldades eram acrescidas com as pontes destruídas e as picadas obstruídas por árvores caídas e valas profundas. As máquinas da Engenharia e os sapadores foram fundamentais para o sucesso destas missões.

Havia ainda outras unidades às ordens do comando de sector, nomeadamente o BC 137, a Companhia de Artilharia 119, e as Companhias de Caçadores Especiais 66 e 67.

Libânio Pontes Miquelina, alferes da Companhia 105, do B. C. 96, o primeiro a entrar em Nambuangongo, ao fim da tarde do dia 9 de Agosto de 1961, recorda que «os combates eram duros e muito feios»⁸.

O próprio comandante Maçanita mataria com uma rajada de pistola-metralhadora o comandante guerrilheiro Maneca Paca, que comandou uma

das investidas contra a coluna, o que fez com que os guerrilheiros se pusessem em fuga⁹. Esta e outras atitudes granjearam ao comandante a fama de destemido e amigo de todos, pois facilmente substituiu o cabo ou o soldado e se punha a cortar as árvores atravessadas na picada.

Com o êxito da “Operação Viriato” acabou-se com o «santuário da UPA», onde os independentistas se consideravam inexpugnáveis, apesar de alguns aviões da Força Aérea os estarem a bombardear.

«Quando chegámos à zona tivemos de intervir rapidamente porque descobrimos que eles estavam a tentar destruir a única ponte existente», conta o alferes da 105. «Eles faziam grandes fogueiras com muitas árvores e ramos sobre o tabuleiro e depois baldeavam água por cima para estalarem com o cimento, através do efeito da diferença de temperaturas. Foi um ataque difícil porque eles já tinham metralhadoras automáticas, além de canhangulos e bazucas, enquanto no Exército português as melhores ferramentas para cavar os abrigos eram as baionetas das espingardas Mauser. Deixei lá dois mortos e muitos feridos».



Nambuangongo – Foto de Raul Mesquita, 1964

«Os ataques inimigos aconteciam de dia e de noite, ao meio-dia e ao meio da tarde, mas nunca chegaram ao corpo a corpo de que às vezes se fala». «Os guerrilheiros tinham uma segunda vaga armada de catanas para nos atacarem,

⁷ Esta unidade já se encontrava em Angola havia meses, tendo já sofrido 20 mortos.

⁸ João Vaz, *Correio da Manhã*, de 5 de Junho de 2007.

⁹ Antunes, 1995, I, p. 124, «Operação Viriato».

caso nos derrotassem ou fugíssemos, mas na minha companhia travámos-lhes sempre as intenções. Além das metralhadoras, o canhango era a mais temível arma deles. Aquilo disparava uma carga com pregos e pedras que levava tudo à frente, enquanto uma bala fazia só um buraco a entrar e um maior à saída»¹⁰.

Na sua progressão valeu ao Batalhão 96, o pelotão de Engenharia do alferes Jorge Jardim Gonçalves,¹¹ que desbravou caminho, afastando as árvores abatidas colocadas na picada pelo inimigo, reconstruindo pontes e fabricando jangadas. «Se não fosse o alferes Gonçalves, não sei se teria chegado a Nambuanguongo», disse o tenente-coronel Maçanita. Jardim ganhou a Cruz de Guerra, de 3.º classe.

A TOMADA DE NAMBUANGONGO

O Batalhão de Caçadores 96, do tenente-coronel Armando Maçanita, composto pelas Companhias de Caçadores 103, 104 e 105, foi o primeiro a atingir o objectivo, tendo à frente a Companhia de Caçadores 103, dos alferes Santana Pereira (já falecido), e Casimiro (que veio a morrer em campanha).

Nos últimos 100 km este Batalhão teve vários reveses, desde Quitexe, passando pela ponte, que teve de ser reconstruída sobre o rio Danje, no profundo vale do Rio Luica, cuja pequena ponte foi reparada, enfrentou as árvores tombadas e os perigos escondidos entre a vasta vegetação que marginava a picada, sofrendo ataques às portas de Mucando (onde foi construída uma pista de aterragem) e em Quincuzo. Após Muxaluando sofre novos ataques nas proximidades do rio Onzo, mas entra em Nambuanguongo, a meio da tarde e ocupa a povoação¹². No cômputo das baixas, o Batalhão

¹⁰ *Correio da Manhã*, de Junho de 2007.

¹¹ Jorge Manuel Jardim Gonçalves, nasceu no Funchal, a 4 de Outubro de 1935, É licenciado em Engenharia Civil e um dos principais empresários portugueses da banca. À época do 25 de Abril de 1974 ocupava a presidência do extinto Banco da Agricultura, tendo sido forçado a exilar-se em Madrid. Depois de regressando, na década de 1980, assumiu a presidência do Banco Português do Atlântico (BPA). Em 1985 abriu no Norte o Banco Comercial Português (BCP), que em 2003 mudou o nome para Millennium BCP. Adquiriu depois outras empresas financeiras e implementou o private-banking.

¹² O coronel Maçanita, numa observação irónica diria que «os senhores do petróleo já tinha tudo preparado nas Nações Unidas, para o reconhecimento de Angola» (Antunes, 1995, I, p. 124, entrevista ao próprio).

sofreu 5 mortos e mais de trinta feridos. A Companhia de Caçadores 105 ficou oito meses a controlar a zona.

O Esquadrão de Cavalaria 149, comandado pelo capitão Rui Abrantes, só chegou a Nambuanguongo um dia após o B.C. 96, tendo sofrido apenas feridos nos ataques de que foi alvo.

A povoação, situada num planalto, estava deserta e a torre da igreja danificada devido aos combates aí travados. Foi aí que a bandeira foi hasteada, em sinal de vitória.

A tomada de Nambuanguongo salvou Angola e constituiu um ponto de viragem na guerra. A segurança e controlo das populações foi sendo reposta, e fixou-se um Batalhão, com máquinas de engenharia, artilharia, comunicações e posto médico e de enfermagem.

O Batalhão de Caçadores 114 (Companhias 115, 116 e 117), comandado oficial do Estado-Maior, tenente-coronel Henrique de Oliveira Rodrigues foi o único que não conseguiu lá chegar, devido às preocupações do comandante com a segurança e os flancos e pelo facto de ter sido fortemente atacado pelo inimigo, sofrendo 17 mortos e 46 feridos e ficando impossibilitado de prosseguir o caminho.

A 16 de Setembro de 1961, depois de várias tentativas do Exército e várias baixas foi tomada a “Pedra Verde”, zona montanhosa e escarpada, onde havia grutas que serviam de esconderijo.

A Operação Viriato foi a maior operação das guerras de África, sobretudo em homens, armamentos, materiais e meios logísticos.

O Comando do Sector 3, em cujos limites se englobava aquela região, recebeu a missão de reduzir os grupos de rebeldes na sua jurisdição e interditar a sua passagem para sul e este, tendo em especial atenção a área de Nambuanguongo-Quipedro, manter a posse das principais regiões ou centros, assegurar a liberdade de movimentos, em especial nos eixos Caxito-Úcuá-Quitexe, Caxito-Nambuanguongo e Ambriz-Nambuanguongo-Quitexe, reagrupar, proteger e orientar a instalação das populações e exercer acção psicossocial.

O MITO DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

O mito da ressurreição posto a circular, segundo o qual as balas dos brancos não matavam os negros fez com que hordas infinitas de nativos se

atirassem a peito descoberto contra as viaturas e aquartelamentos, armados apenas de catanas, paus e canhangulos. Daí os militares terem a necessidade de cortarem as cabeças aos nativos mortos, expondo-as ao longo das picadas, numa visão macabra do inferno.



A Pedra Verde sob bombardeamento

A MORTE DO COMANDANTE DA REGIÃO MILITAR

A adaptação da chefia militar à nova situação em Angola concretizou-se, com a nomeação efectiva, a 1 de Junho de 1961, do general Carlos Manuel Lopes da Silva Freire, como comandante da Região Militar de Angola, em substituição do general Monteiro Libório em funções desde Setembro de 1959.

Enquanto ao antecessor coubera, sobretudo, a tomada de medidas preventivas contra a subversão independentista, que já se adivinhava, a Silva Freire coube o papel de comandar as operações de guerra. Militares desse tempo lembram que era considerado o melhor general de Salazar.

Em Angola tomou a iniciativa da acção militar e a ele se devem as directivas que conduziram à tomada de Nambuanguo e, de um modo geral, ao controlo de toda a região Norte abalada pelos massacres da UPA.

Porém, o tempo de comando de Silva Freire foi curto, pois cinco meses depois, em 1 de Novembro de 1961, morreu devido à queda do avião em que viajava, juntamente com quase todo o seu Estado-Maior. Na lista dos 18 mortos do desastre no Chitado, contam-se um brigadeiro, quatro tenentes-coronéis, dois majores e dois capitães.

BIBLIOGRAFIA SOBRE A GUERRA COLONIAL

- ABREU, Gil de Azevedo, *Guerra Colonial: quantos fomos?*, 1999.
- AFONSO, Aniceto, e GOMES, Carlos de Matos, *Guerra Colonial*, Lisboa, 2000.
- ALEGRE, Manuel, *Praça da Canção*, 1965.
- ANTUNES, António Lobo, *Os Cus de Judas*, ed. O Chão da Palavra, Lisboa, 1979.
- ANTUNES, José Freire, *Guerra de África (1961-1974)*, 2 vols., Cír. Leitores, Lisboa, 1995.
- BACELAR, Sérgio, *A Guerra em África (1961-1974): Estratégias adoptadas pelas Forças Armadas*, Porto, 2000.
- BAPTISTA, Etelvino da Silva, *Diário de Guerra: Angola 1961-1963*, 2000.
- CANN, John P., *Contra-Insurreição em África, 1961-1974*, Atena, 1998.
- CARVALHO, Mário de, *Era uma vez um Alferes*, Edições Rolim, Lisboa, 1985.
- FERAZ, Carlos Vaz, *Nó Cego*, 2.ª ed., 1982.
- GRAÇA, Manuel, *Angola 1960-1965*, edição do autor, s/d.
- GUERRA, Álvaro, *Memória*, 1971.
- GUERRA, Álvaro, *O Capitão Nemo e Eu*, 2000.
- GUERRA, João Paulo, *Memórias das Guerras Coloniais*, Afrontamento, Porto, 1994.
- LOBO, Domingos, *Os Navios Negreiros não sobem o Cuando*, 1993.
- LOPES, Daniel Seabra, *Ex-combatentes da guerra colonial: experiência e identidades: ensaio de construção de um objecto antropológico*, tese de mestrado em Antropologia, 1998.
- MELO, João de (org.), *Os Anos da Guerra, 1961-1975. Os Portugueses em África. Crónica, ficção e história*, 2.ª ed. 1998.
- REIS, A. do Carmo, *Diário do Tempo de Guerra (1966-1970)*, Museu da Guerra Colonial, Vila Nova de Famalicão, 2001.
- SAMPAIO, José Rosa, «Os Mortos-vivos da Guerra Colonial», *Barlavento*, Portimão, de 12.05.1994; «Geração “Guerra Colonial”», *Povo do Algarve*, Portimão, de 14.04.1998, p.2; «Os Livros sobre a Guerra Colonial», *Jornal da AACA*, n.º 2, Dezembro de 2006; «Dois Monchiquenses heróis e mártires de Madina do Boé, em 1965», *Jornal de Monchique*, n.º 288, de 28.02.2007, p.5; e «Os Monchiquenses Mortos na Guerra Colonial», *Jornal de Monchique*, n.º 300, de 30.07.2008, pp.6-7; *Os Mortos Portimonenses da Guerra Colonial*, 2008; *Os Mortos Monchiquenses da Guerra Colonial (1961-1974)*, Monchique, 2008; *Memória dos Dias Ausentes: uma crónica da Guerra Colonial*, inédito, 1982.
- TEIXEIRA, Rui de Azevedo, *Batalhas da História de Portugal. Guerra de África. Angola (1961-1974)*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2006.
- VENTURA, Reis, *Sangue no Capim*, 14.ª edição, Edições FP, Lisboa, s/d.